

# Quebrar caixas

**A** tragédia na Base de Lançamento de Foguetes de Alcântara, no Maranhão, foi frustração e comoção. Foram perdas tecnológicas, científicas, de dinheiro, tempo e trabalho. Mas as perdas humanas, impossíveis de repor, doem mais. Chorá-las é pouco. Há o lado humano, da morte e das famílias. Sai dilacerado da cerimônia fúnebre de São José dos Campos.

Como disse o presidente Lula, a melhor maneira de reverenciar as vítimas é não abandonar o projeto, é consolidá-lo e reconquistar o tempo perdido.

Os que morreram tiveram suas vidas envolvidas no idealismo da FAB de construir o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), que frutificou no Centro Técnico Aeroespacial com seus Institutos de Aeronáutica e Espaço e de Estudos Avançados, Fomento e Coordenação Industrial, berços da Missão Espacial Completa Brasileira, destinada a colocar o



**JOSÉ SARNEY**

PRESIDENTE DO SENADO

Brasil no clube fechado da indústria espacial.

Em 1989 visitei o Fermilab, o grande laboratório americano de pesquisa física. Ali o professor Lederman – Prêmio Nobel, descobridor da partícula neutrino – me explicou, com a facilidade dos homens que sabem e não cultivam a enrolação: “Aqui, estamos brincando de quebrar caixas de segredo, em busca da partícula fundamental da matéria. Quebramos uma, e dentro dela tem outra caixa, quebramos mais outra e tem outra mais, e assim continuaremos quebrando até encontrarmos a última.” Ali estavam também

físicos brasileiros, a equipe do professor Santoro, atrás da caixinha final. O projeto de Alcântara é essa perseverança.

A base de Alcântara consome metade de propelente e carrega o dobro de carga útil que vai ao espaço. Não podemos jogar fora esse trunfo dado por Deus ao Brasil.

Quando perdemos nosso segundo foguete, escrevi na *Folha de S. Paulo* que a pesquisa espacial tinha entrado em fase de agonia, sem dinheiro e sem política de pessoal. Não segurávamos os nossos cientistas e não tínhamos condições de recrutar novos. No meu governo mantivemos uma média anual de investimentos em ciência e tecnologia acima de 1% do PIB. Em 1989 gastamos no programa espacial 102 milhões de dólares; ano passado, descemos a menos de 20 milhões. Doze anos com orçamentos miseráveis e declinantes.

Todo conhecimento humano é

resultado da acumulação da aventura do homem na face da Terra. Como os portulanos eram guardados a sete chaves, hoje os países avançados defendem, como comércio, o monopólio do saber. Fazem isso de todas as maneiras, com pressões econômicas, financeiras e diplomáticas. Daí as dificuldades. Ninguém disponibiliza tecnologia. A nossos técnicos resta o caminho do pioneirismo e da invenção.

O projeto VLS é afirmação de poder, é um passo definitivo para o Brasil. Os países sem acesso ao conhecimento serão, inevitavelmente, destinados a uma nova forma de escravidão: a científica e cultural. O Brasil, sem ter tecnologia de ponta, jamais será potência econômica.

Quebrar as caixas, dominar conhecimento, com coragem e obstinação, faz parte da aventura do futuro.

*O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras*